



UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO - ESCOLA DE ENFERMAGEM  
DEPARTAMENTO DE ENFERMAGEM EM SAÚDE COLETIVA  
Disciplina “Um olhar de gênero sobre a saúde das mulheres”

### Roteiro para estudo de caso

**Gilda - “Eu nunca olhei para a maternidade como algo sublime, sempre como algo estranho assim, que não me dizia respeito, não ia me submeter a isso, a uma coisa distorcida...”**

**ENTREVISTADORA:** Hoje é dia 02 de outubro, são 17 horas e 20 minutos, entrevista com Gilda. Vamos à identificação: quantos anos você tem?

**GILDA:** 38.

**ENTREVISTADORA:** Casada ou solteira?

**GILDA:** Casada com uma mulher.

**ENTREVISTADORA:** É profissional liberal?

**GILDA:** Sim...

**ENTREVISTADORA:** Conte para a gente, com os detalhes que você se lembrar, da sua vida sexual e reprodutiva, desde quando você se lembra e as coisas importantes que você se lembra em relação à isso.

**GILDA:** Eu tinha uma expectativa de estar falando especificamente sobre aborto, e é engraçado pensar na minha vida sexual, ativa, pregressa ou futura, eu não sei...

**ENTREVISTADORA:** Se você quiser passar direto para o episódio de aborto, tudo bem.

**GILDA:** Não, mas é interessante, porque quando eu respondo a esse convite de estar falando sobre isso, ou de estar respondendo à pesquisa e tal, eu vou me dando conta de que eu vou respondendo a um convite de falar de mim, mulher. Então eu fico pensando, e agora você fica falando sobre a vida sexual e, é muito difícil essa questão, porque...

**ENTREVISTADORA:** Então, vamos ficar na vida reprodutiva?

**GILDA:** Não, mas eu tenho dificuldade de falar sobre isso, eu fico pensando que...

**ENTREVISTADORA:** Então, para começar, do momento que você se viu, se sentiu, se percebeu mulher, como foi a sua relação com a vida reprodutiva?

**GILDA:** Eu sou de uma geração muito interessante. Quando eu era adolescente, a minha questão, ou a questão que era colocada para mim, para as minhas amigas, para a minha

mãe, enfim, com relação à vida sexual era ter cuidado por conta da gravidez. Exatamente esta questão que hoje eu fico pensando na diferença, e quais são as questões hoje com relação à vida sexual, muito relacionada à AIDS do que... Então a minha questão, com a minha vida sexual, sempre foi relacionada a evitar gravidez. Muito pouco falei, ou fui, ou conversei com a mãe, família, irmã, sei lá, com as pessoas próximas em relação à sexualidade em si. Iniciei minha vida sexual com homens, isso foi uma coisa super legal, e engraçado eu tive prazer nessa experiência, mas de alguma forma era um prazer furtivo, porque não era conversado, não era falado e eu nunca falei especificamente da minha vida sexual no grupo familiar. Essas questões foram compartilhadas com amigas, pessoas próximas, enfim. Mas engraçado, a minha vida sexual diz respeito à atividade sexual de prazer, não relacionava nunca, como não tenho nunca, essa questão de reprodução. E aí, eu acho que engata na situação do aborto, porque, assim, como não conectar trepar-engravidar, embora soubesse com certeza, quando acontece é uma coisa muito surpreendente, e mesmo esta situação aconteceu, eu já estava velha, amestrada. A primeira vez que eu engravidei eu já tinha 22 anos, eu comecei a vida sexual aos 18 anos, tive antes desta situação, uma relação com uma mulher, de um ano. Assim, vivia, intercalando, mas não relaciono a vida sexual à reprodução. Eu acho que deve ter ficado muito forte essa consigne, assim, de que é uma coisa contraditória, a consigne de que “cuidado, engravida”, então eu esqueço isso, e vivo a minha vida sexual, e quando sou pega pela consequência de um ato sexual “nossa, como que aconteceu isso comigo?” É uma coisa muito louca...

**ENTREVISTADORA:** Isso aconteceu, a primeira vez, quando você tinha 22 anos?

**GILDA:** 22 anos.

**ENTREVISTADORA:** É aí como é que foi isso?

**GILDA:** Foi super complicado, é. Primeiro que não era um parceiro fixo, era um parceiro eventual, com quem eu transei uma única vez, embalos, fim de semana, aquela coisa... Engraçado que na década de 80 isso era possível: você beber, sair, transar, o único medo era exatamente a gravidez, . E assim em encontros eventuais e numa dessas eu engravidei, Foi difícilimo e não dei conta que estava grávida, até que o meu corpo começou a ficar esquisito, me lembrei que não estava menstruando. Isso deve ter passado umas duas ou três semanas, da minha data prevista para menstruar, e eu me dei conta de que eu podia estar grávida, e estava. Não compartilhei isso com o homem que eu tinha transado, paguei o aborto, fui com uma amiga minha, uma clínica péssima, aqui na João Moura, horrível, horrível... E fazia um ano que eu estava em São Paulo, porque a minha vida sempre foi legal em Campinas, era essa farra, mas era farra boa. E aqui em São Paulo, era uma coisa difícil para mim, já era opressivo eu estar aqui, e em uma situação assim. Aconteceu em janeiro, fazia seis meses que eu estava aqui, não conhecia ninguém, não conhecia nada, eu tinha só as referências da faculdade que tinham vindo para cá também, as amigas, e foi super complicado. Em uma segunda feira à tarde, fui muito bem tratada pelas pessoas, eu morava com as pessoas, umas amigas.

**ENTREVISTADORA:** Você fala, as pessoas com quem você morava?

**GILDA:** É.

**ENTREVISTADORA:** E na clínica, como foi?

**GILDA:** Assim: entrei, fui para a mesa, não olhei para a cena, não olhei para nada disso, me lembro... A única coisa que eu me lembro é de uma moça que veio me preparar para fazer a anestesia, muito estúpida, mas aí já, fui anestesiada muito rapidamente, e muito difícil. E acordei, não sabia onde estava. Estava muito em uma situação de abandono, abandono de mim, eu não sabia onde eu estava, caralho, entendeu, não é que... é que para mim é uma coisa difícil. E aí eu fui para casa, chorei, chorei, chorei a noite toda, dormi, no dia seguinte não falei mais disso, falo muito pouco disso.

**ENTREVISTADORA:** Porque que você chorou?

**GILDA:** Olha, eu chorei porque eu achei que não merecia aquilo, eu não me daria aquilo.

**ENTREVISTADORA:** Aquilo o quê? A gravidez, o aborto?

**GILDA:** Aquela situação. Acho que tudo é muito difícil, uma situação muito difícil, complicada e acho que tem um medo muito grande da... é uma coisa impressionante, toda semana tinha jornal dizendo que tinha sido invadida uma clínica de aborto. Além disso tinha esse risco de ir parar na cadeia, de ser..., sabe, uma coisa assim. Essa coisa da clandestinidade é muito complicada e é uma coisa que é clandestina mesmo para a gente, uma coisa que a gente não se fala, evita, fica uma sombra...

**ENTREVISTADORA:** Porque que você não compartilhou com o seu parceiro? Alguma vez você pensou nisso?

**GILDA:** Olha, não fazia o menor sentido, não era alguém que compartilhasse nada, que não era só essa coisa, acho que é tesão, sabe essa coisa de..., assim, tem um lado nessa história que me deu a dimensão da minha fertilidade, essa coisa de se expor demais. Fico pensando que para mim, era como se não acontecesse mesmo, que não tivesse essa conseqüência, e aí uma trepada, pa-pum ... Foi uma coisa que poderia ficar tentando imaginar porque que foi, já que eu não iria compartilhar com outras coisas com esse cara, mas não.

**ENTREVISTADORA:** Por algum momento você pensou em ter essa criança?

**GILDA:** Pensei.

**ENTREVISTADORA:** E aí como é que era isso?

**GILDA:** Não era viável, acho que não ter o parceiro, e não era à toa que não tinha o parceiro fixo, é muito complicado. Eu acho que é uma coisa de berço, uma coisa de..., é síntese. Na verdade a gravidez é uma síntese entre duas pessoas, como é que pode viver desparelhado...? Não acho que é uma coisa legal, nesse sentido eu sou absolutamente conservadora, moralista e religiosa, eu acho que tem que ter pai, tem que ter mãe, sabe, tem que... Acho que... eu particularmente acho que seria muito legal ter um filho, gostaria muito tal, mas não conseguiria viver com um homem acho que não é

eticamente interessante se ter um filho e duas mulheres por exemplo, ou ter um filho sozinha.

**ENTREVISTADORA:** Porque não eticamente interessante com duas mulheres?

**GILDA:** Porque eu acho que tem que ter pai e mãe, me fez bem ter pai e mãe, entendeu? Apesar do pai, apesar da mãe do jeito que é, ou que a gente quer ter, a gente não quer, mas tem que ter pai e mãe. E assumo: ultimamente as pessoas têm falado muito que eu sou reacionária e machista, tudo bem, eu acho que tem que ser assim. Eu acho que tem essa coisa. Agora é muito difícil não ter a possibilidade de experimentar essa experiência mesmo, essa coisa da maternidade, isso aí. Acho que consecutivamente tem a coisa feminina, tem útero, tem tudo potencialmente. Nesse sentido, eu acho que abortar essa possibilidade, dessa experiência, é não dar conta dela, acho que eu tenho muito menos questão, e aí acho que é uma coisa egoísta, tenho muito menos questão com a vida que foi abortada, do que com a vida que eu poderia ter vivido e eu não vivi, e acho que a maternidade é egoísta mesmo. Na verdade, é uma reprodução da gente própria, e eu imagino, eu não tenho essa experiência, então, eu acho que aborto a possibilidade de me reproduzir, enquanto o que será, que seria. Penso muito nisso... Eu escrevi algumas cartas a respeito disso, mas acho que é certo...

**ENTREVISTADORA:** Naquela ocasião você, pelo que você está me dizendo, eu estou entendendo, que aqui a decisão foi tomada exclusivamente por você. Você disse que compartilhou isso com uma amiga. Em que medida você acha que essas amigas te ajudaram ou não conseguiram te ajudar nisso?

**GILDA:** Não, eu compartilhei a companhia, não discuti o que fazer e como fazer. Vamos comigo, dá pra ir? E aí uma amiga, a Tânia, foi comigo, dá pra ir? Então tá, é isso que eu quero e só. Acho que era isso que dava para por na roda, entendeu? Não dava pra por mais. Foi muito solitário isso, como é solitário, como são solitárias outras coisa, entendeu, sei lá...

**ENTREVISTADORA:** Você acha que existe alguma possibilidade de ser menos solitário, se é que essa solidão causa sofrimento? Ou não?

**GILDA:** Olha, eu acho que não. Acho que é dessa solidão que eu falo. É uma experiência singular, particular de cada um. Acho que parir, dar à luz é solitário. Não que seja diferente de abortar. Acho que escrever a minha dissertação foi um parto, solitário. Então eu acho que essas experiências muito profundas, muito que vêm não só da alma, mas que vêm do corpo, mas que são da gente, essas, eu acho que são solitárias, não tem como compartilhar. Eu acho e vivo assim as minhas coisas, não sei se isso é uma defesa, um jeito também de olhar o abandono e falar “não isso teria que ser desse jeito mesmo” mas quem poderia fazer isso? Eu não entendo, não consigo visualizar.

**ENTREVISTADORA:** Você falou que esse processo está recheado de sofrimento. Você vê alguma maneira da gente conseguir diminuir esse sofrimento, já que nós estamos aqui para isso ou será que estamos?

**GILDA:** Acho que no plano mais objetivo dá. As outras experiências que eu tive foram num lugar muito interessante: um cara bom, um professor, uma clínica super legal, que não é clandestina e ele disse assim “eu faço a interrupção de uma gravidez com a mesma dignidade que eu a levo a termo”. Sabe, o cara é bárbaro e, realmente, na sala de espera dele têm grávidas e têm pessoas para abortar. Pena que o serviço é clandestino nesse sentido, porque é um consultório com várias especialidades e tal, e eu acho que isso diminui, diminui, por exemplo a coisa de que você tem a troca do pagamento que você está fazendo. É diferente, você é bem tratada, você é bem acolhida, as pessoas são gentis, o lugar é bom, é limpo, é cheiroso. Acho que faz uma diferença: você está pagando o serviço e está sendo bem tratada.

**ENTREVISTADORA:** Você falou outras vezes, quantas vezes?

**GILDA:** Três.

**ENTREVISTADORA:** Mais três, então são quatro?

**GILDA:** Quatro.

**ENTREVISTADORA:** Qual é a diferença entre esses quatro, e qual a similaridade entre eles?

**GILDA:** Olha, a surpresa é a mesma, a diferença é que eu tinha parceiro fixo. Era um parceiro que eu estava junto, foi uma coisa interessante, e aí eu tinha mais clareza de que engravidar não era à toa, era um desejo, e era um jeito de me por em questão. Eu não dei conta da maternidade, não dei, falo no passado mesmo, porque não pretendo engravidar de novo, e não pretendo ter filho. Mas eu não dei conta da coisa. Eu acho que tinha um desejo mesmo, inconfesso, porque também eu não bancava querer.

**ENTREVISTADORA:** Como que é isso: o desejo e a impossibilidade?

**GILDA:** Então... Eu acho que... eu comecei fazer análise muito tarde, acho, também não é à toa que eu comecei a fazer tarde... Mas eu acho que eu fui fazendo o entendimento dessas coisas. É, eu vinculava a gravidez a uma coisa da fragilidade feminina, era ideologia, uma coisa muito louca, e eu fui fazer esse entendimento bem depois... e obviamente tem os meus componentes mais delicados aí do que as coisas da sexualidade, tanto que a minha escolha hoje é uma escolha pelo igual, não pelo diferente. E hoje eu posso falar que eu escolhi o igual porque eu gosto do igual, mas não posso falar que essa escolha foi sempre assim. Acho que eu não escolhi o diferente para não me submeter à diferença. Acho que isso é uma coisa difícil. É, eu não pude experimentar na vida essa coisa interessante da adolescência que você quer tudo que é diferente. Foi sempre uma coisa esquisita e, atualmente eu acho que quando a gente vai ter mais que gostar, você tende a se aproximar do que é mais parecido, do que é mais igual. Mas eu acho que eu não quis me submeter a viver essa coisa de diferença de ter perdas, ter ganhos, então, a gravidez para mim era uma declaração pública de submissão, uma diferença que eu teria que carregar a marca, a marca pela vida, não só pelo corpo, mais depois que saísse do corpo, e aí eu acho uma coisa pobre. Hoje, olhando pra isso, porque tem valor e tem um valor que não é meu, que está

emprestado e aí eu não posso falar mais dessa história, porque senão eu vou ter que me remeter à questão da minha mãe, de como foi minha relação com ela e com meu pai, e como é que eu fiz esse Édipo e tal, a gente foge... Mas veja, eu acho que tem uma marca super importante, que ela foi uma mulher, é que me opõe essa questão pra minha vida inteira, porque eu só fui conseguir pensar nela muito velha e que fez um efeito na minha, no jeito como eu estruturei a minha vida afetiva, sexual, minhas escolhas, enfim, é muito louco isso... Eu não consegui pensar na maternidade como algo divino, algo sublime, não é assim, as mulheres falam “A maternidade é algo sublime”?

**ENTREVISTADORA:** Pelo menos a consciência social fala isso.

**GILDA:** Eu nunca olhei para a maternidade como algo sublime, sempre como algo estranho assim, que não me dizia respeito, não ia me submeter a isso, a uma coisa distorcida...

**ENTREVISTADORA:** Mas assim mesmo você ficava surpresa, quando ficava grávida?

**GILDA:** Pois é, tem o útero, isso me remete a outra questão... Nossa !!!

**ENTREVISTADORA:** Ele remete a uma não prevenção?

**GILDA:** Remete a uma não prevenção, mas eu acho que é mais grave que isso. Acho que se a gente for pensar em termo de saúde, pensar em termos de..., tá bom, então você pode prevenir e não engravidar e não engravidar, ou então, você foi descuidada e não pensou nisso. Eu acho que está em um outro nível que é mais complicado. É não correr esse risco, risco que toda mulher corre. É se por fora desse universo do qual eu faço parte. Num determinado sentido, é uma vivência patológica, doentia... que eu estou fora deste universo do qual eu estou incluída, como é isso, é quase psicótico.

**ENTREVISTADORA:** Não, não vamos entrar na sua área, vamos ficar na minha. De qualquer maneira, eu acho que você traz uma coisa que eu vou voltar um pouquinho. Você falou da primeira vez, dessa, do que cercou tudo isso. Das outras vezes, você disse que alguma coisa minimizou, e essa alguma coisa foi a maneira como você foi tratada. Você teve medo?

**GILDA:** Medo de morrer, deixei um testamento todas as vezes. Da primeira vez não, eu menti. Da primeira vez, eu nem sabia o que eu estava indo fazer, eu não tinha noção do risco, na primeira vez não. Nas outras vezes, sim, deixava a chave do apartamento sempre uma pessoa próxima, e deixava testamento, não sabia o que podia acontecer. Desesperador, muito difícil... A última vez foi pior ainda, eu estava mais velha.

**ENTREVISTADORA:** O que minimizaria isso?

**GILDA:** O que minimizaria isso. Aí eu acho que uma companhia, um acompanhante da sua confiança que pudesse estar junto no processo. Aí sim, assim a coisa mais objetiva, aí eu acho que, saber que, sei lá, que não se é apenas a pessoa que está sendo submetida a isso, que se tivesse risco que ela fez errado, que vai pagar pelo erro, entendeu?

**ENTREVISTADORA:** Ah, você está falando do ponto de vista da fiscalização?

**GILDA:** Claro.

**ENTREVISTADORA:** É aí que você relaciona com a questão da clandestinidade?

**GILDA:** É, porque, olha, se acontece algo errado, primeiro que você não tem a quem se queixar. Não é isso, a não ser que você faça uma histeré radical e vá lá e denuncie o aborto. Eu não acho que as mulheres que tenham condição de fazer isso, eu particularmente não teria, acho que não. Quer dizer: “Olha ele me sacaneou durante o aborto, eu perdi o útero, ou tive uma hemorragia, estou com uma infecção por conta do aborto que ele fez em mim”, não sei se, acho que só tem uma parte que corre risco aí, que é a mulher que está sendo submetida àquilo. Estou falando em termos individuais, físico, tal. Acho que a clínica até corre, deve ter que pagar o anonimato, mas acho que no corpo de quem fica a marca é da gente, da mulher, sabe, é forte você deixar um testamento, diferente de você ser internada, por exemplo prá ter de fazer uma cirurgia de mama, para tirar uns nódulos e tal e eu sei o que me espera, eu sei os riscos que eu corro, eu sei que tem o outro contexto. Sou capaz de deixar testamento também, mas é muito diferente, é muito complicado...

**ENTREVISTADORA:** Você falou que na primeira vez você não tinha um parceiro fixo, então você achou que não cabia compartilhar, e nas outras, quando você tinha esse parceiro?

**GILDA:** Então, acho que eu não dei conta.

**ENTREVISTADORA:** Você também não compartilhou?

**GILDA:** Ah, sim, aí eu compartilhei. Uma coisa complicada, a primeira vez foi consenso, a segunda vez não foi consenso. Eu queria e ele não, e na terceira vez também não foi consenso, eu queria nessa e não consigo, não é que eu não queria, eu queria sim, eu me lembro da dificuldade que foi, uma vontade imensa, imensa, que não fosse verdade, eu dizia não tô não, é tudo mentira, eu não vou passar por tudo de novo. Eu não quero, mas também é assim, muito esquisito...

**ENTREVISTADORA:** Este compartilhar mudou alguma coisa no processo? Complicou, facilitou, como é que foi isso?

**GILDA:** Eu não amava aquele cara, não era uma coisa que eu tinha. Nossa, foi tão complicada essa situação, como é que eu explico? Era alguém que tinha uma função na minha vida, acho que tinha a função de provar minha sexualidade. Foi o seguinte: pela conjuntura, tá a minha história pregressa e familiar, e aí ele tinha essa função de estar publicando, dando oficialidade à minha sexualidade: duas pessoas adultas e acho que me preguei nesta função, eu nunca pensei que ele pudesse ser pai de filho meu.

**ENTREVISTADORA:** Na verdade, então, você fez um aborto dos dois, se foi nesse sentido, quando você diz que você abortou a maternidade, na verdade você abortou a paternidade dele?

**GILDA:** Sim. Nunca tinha pensado nisso, mas com certeza...

**ENTREVISTADORA:** Foi você que falou isso.

**GILDA:** Foi, só disse, não está realizado, mas com certeza, e já tive algumas experiências em que pensava: “nossa esse aqui é viável” ou tenho pessoas próximas que eu toparia, essa síntese, com esse tipo de pessoa, mas com ele não, eu acho que ele estava com uma condição do que fazer parte dessa associação que eu acho que é muito mais fina, muito mais delicada, não é para qualquer um.

**ENTREVISTADORA:** Tem haver com aquela coisa que você disse antes, que você é conservadora, machista, você quer tudo direitinho, pai, mãe, filho, casar, ter filho, tal?

**GILDA:** Olha, pode ser, pode ser, e o engraçado é que uma coisa que nunca povoou o meu imaginário, uma coisa muito louca. Isso é algo que eu buscava, como é que seria, não sei, por aí. Não foi por esse caminho, acho que não foi à toa, não foi mesmo.

**ENTREVISTADORA:** Só pra gente fechar isso aí, você olhando para trás, todo esse processo, qual foi o pedaço mais difícil do episódio aborto?

**GILDA:** É antes do aborto, é a constatação da gravidez, que eu me lembro uma coisa desesperadora é saber “pô, eu tô grávida”. Agora da cena em si, olha, eu não sei, acho que eu tenho um mecanismo de defesa aí muito forte.

**ENTREVISTADORA:** Em algum momento na sua vida, olhando, agora, a sua vida em relação à isso: “a maternidade e a negação da maternidade”, que é o que você me diz, e da paternidade, por extensão, porque é interessante, você coloca coisa racional, por isso que eu te devolvia pergunta, mas, olhando isso para trás, em algum momento, pintou algum arrependimento, ou alguma coisa que você, se pudesse fazer, você faria de novo?

**GILDA:** Sim, teria tido o primeiro filho.

**ENTREVISTADORA:** O primeiro, por que o primeiro?

**GILDA:** Porque eu era jovem, porque poderia ter experimentado isso.

**ENTREVISTADORA:** Os outros não?

**GILDA:** Da última vez pensava “eu estou velha, é agora ou nunca”, é acho que isso.

**ENTREVISTADORA:** É isso faz com que você não tenha a menor vontade de engravidar novamente?

**GILDA:** Eu não tenho a menor intenção de engravidar novamente. Jamais...

**ENTREVISTADORA:** Como você acha que a gente poderia... Assim, tem uma finalidade muito clara para gente esse processo: uma delas é essa luta coletiva pela mudança dessa legislação, e que você já me disse no seu discurso que você discorda dela. Então seria repetir a história eu perguntar para você o que você acha da legislação, você já falou disso, falou sobre a clandestinidade. Agora, tem um outro lado, que sem pensar num espaço de, específico de terapia, de alguma coisa mais voltada para uma área da



saúde mental, mas aquele espaço da Enfermagem, ou da atenção à saúde, coisa mais ampla da atenção à saúde, que a gente, da intervenção no processo, em vista de sua experiência, como você acha que a gente minimizaria essa coisa? Eu não quero que dê receita não, mas assim, o que a gente... quais seriam os pontos de vulnerabilidade nesse processo que a gente poderia intervir para tornar esse processo menos doloroso, ou pelo menos, menos complicado até?

**GILDA:** Tá falando em termos de ação de saúde?

**ENTREVISTADORA:** Tô falando em termos de o que fazer ou não fazer em relação a isso.

**GILDA:** Eu acho que não.

**ENTREVISTADORA:** Não?

**GILDA:** Em termos de saúde, esclarecimento, aula, não acredito nisso, e acho que, sei lá, não acho que aborto tem que ser tratado como problema de saúde.

**ENTREVISTADORA:** Não?

**GILDA:** Não.

**ENTREVISTADORA:** Como é que você acha que o aborto tem que ser tratado?

**GILDA:** Acho que, eu não sei, penso que, aborto está relacionado à vida mas em uma outra qualidade, nem menstruação, nem prevenção, nem curativo, não é nada disso, é uma outra coisa, trata-se de concepção que é um momento anterior a tudo isso. Então o que eu penso é que, não sei, acho que teria que estar dando em uma outra categoria e não à saúde, filosofia, não sei. Uma das questão que estão me chamando de reacionária e machista é, por exemplo, eu sou contra o aborto, eu sou contra o aborto, por que? Porque eu acho que se trata de uma coisa. Não acho, principalmente quando as pessoas falam “a mulher tem que ter direito de dispor de seu corpo”, é mentira, é uma grande balela, eu não dispus do meu corpo como eu queria, é mentira, eu tava determinada por quinhentas coisas, muitas coisas. Inclusive pela idéia que a minha mãe tinha quando queria que eu nascesse - eu estou viajando obviamente - mas, assim, tem tanta coisa que está determinado aí que eu não dispunha do meu corpo quando eu transei... na minha plena consciência. Com certeza de uma outra forma, se eu tivesse de uma outra forma na transa, se fosse para engravidar ou não, eu teria tido um outro resultado. Então eu não sei se é questão de saúde, nesse sentido, quer dizer, ter ações de saúde, preventiva ou de esclarecimento, eu não sei, acho que tem tanta coisa que determina, do outro jeito que a gente é, como a gente faz as coisas.

**ENTREVISTADORA:** O que é isso “ser contra o aborto”? Você acha que nunca deveriam abortar?

**GILDA:** Acho que não. É assassinato, mesmo.

**ENTREVISTADORA:** Então, você acha que a legislação tem que continuar?

**GILDA:** É muito difícil eu te dizer isso, porque utilizei este recurso quatro vezes, portanto, quatro vezes me aconteceu de alguém que interrompe vida, voluntariamente,

é muito difícil. Eu sou contra mesmo, interrupção dessa perspectiva, por outro lado é absolutamente inviável, e olha é muito difícil.

**ENTREVISTADORA:** Então, mas então, volta um pouquinho nisso aí, de você e o fato de você ser contra, então, você gostaria que continuasse sendo proibido?

**GILDA:** Também não resolve, não acho que proibir é solução também, porque eu acho que tem outros riscos. Eu acho que eu fui melhor tratada em um lugar que é com outras condições, mais visíveis de uma determinada perspectiva, um consultório, uma clínica, acho que as clínicas são muito complicadas, eu não sei o que dizer sobre isso, não sei.

**ENTREVISTADORA:** Você acha que essa legislação, da maneira como está, leva à clandestinidade, leva a este monte de riscos? Se você acha que não deve abortar, é sério, isso, é uma coisa extremamente interessante que você coloca. Como é que você acha que a gente poderia estar batalhando por isso? Porque acho que as pessoas vão continuar fazendo, as pessoas vão continuar diante da situação de impasse. Assim como você esteve quatro vezes, outras pessoas estiveram 1, 2, 3, 10..., . Ou esse ser contra seria contra o desejo?

**GILDA:** O desejo de que?

**ENTREVISTADORA:** De abortar. Você acha que tem que mudar a lei ou não?

**GILDA:** Como é que você vai regular o meio de vida? Eu não acho que tem vez para isso.

**ENTREVISTADORA:** Então, mas a vida em sociedade está normatizada.

**GILDA:** Eu sei, mas é difícil.

**ENTREVISTADORA:** Você acha lícito o Estado decidir pelas pessoas?

**GILDA:** Não, não acho lícito o Estado decidir pelas pessoas, não é isso. É isso aí, mas o Estado pode decidir por exemplo, estar negando qualquer tipo de controle, sob qualquer coisa, eu não estou defendendo a lei.

**ENTREVISTADORA:** É isso que eu estou querendo entender.

**GILDA:** Eu também não sei muito bem. O que eu acho é assim, acho uma loucura por exemplo, ele arbitrar sobre que a vida pode ser interrompida ou não, isso é um abuso. Você abre um precedente aí, complicado, então, estupro não pode, mal formado não pode, negro não pode, pobre não pode, porque abortar, porque a mulher vive em condição de miséria, isso é eugenia para mim, percebe? Então, assim, você arbitrar sobre que tipo de vida pode ou não ser interrompida, para mim é uma loucura... Então o que eu acho, a única consciência possível é a individual, e contra esse aborto, que eu sou contra, entendeu, é da mulher, e ainda com essa consideração, não é verdade que você pode arbitrar sob o seu corpo, você ter a sua ...É mentira isso, você não faz isso. A gente não faz isso quando transa a primeira vez, e quantas vezes não aconteceu na sua vida de você não estar a fim de transar e você transar? Ou, por exemplo, eu me submeter a uma situação de estar namorando um cara, para poder ter uma visibilidade, e eu era, eu estava na, no uso do meu arbítrio, mentira. As mulheres que fariam dez,

vinte filhos estavam? Não, não estavam. Sabe, é tudo uma grande balela. Então, assim, o que eu acho complicado na lei, é definir que mortes autorizar, acho isso um absurdo. E sou contra o aborto dessa perspectiva, o que alguém autorize dizer que é um arbítrio da mulher, é mentira, é isso... Agora, tem essas situações de ser inviável, de ser complicado, isso é uma morte complicada e aí eu acho que a gente teria que entrar com isso, e aí tem culpa, tem arrependimento, tem puta que pariu, eu lido com a vida como é que pode???

**ENTREVISTADORA:** Você está falando da singularidade?

**GILDA:** Da singularidade é difícil.

**ENTREVISTADORA:** Que elementos você daria para uma pessoa pensar a respeito do aborto? O que você diria a uma pessoa que lhe diz “Eu estou grávida e não quero estar grávida”?

**GILDA:** Eu falaria: “Pensa na vida, cara!”. Desaconselharia o aborto, sei lá. É uma coisa muito engraçada, porque acho que também tem uma cultura abortiva. Acho que até as mulheres da minha idade sempre eram de uma forma muito liberal em relação ao aborto, que eu chego a dar risada. A prima da minha companheira que fala, “se alguém está grávida, eu não sei se dou os pêsames ou se eu comprimento”. Isso vem do fundo da alma, ela não está tirando barato. Eu acho que, principalmente na minha geração, todo mundo acabou fazendo aborto, pelo menos uma vez na vida. E aí fica essa coisa da gente achar que tem autonomia para decidir, é mentira, uma grande balela. A mulher decide por um aborto ou pela continuidade da vida, por quinhentos mil fatores, não é uma coisa individual.

**ENTREVISTADORA:** Nem de um arbítrio situado?

**GILDA:** Não é, eu não acredito nisso, não acredito. Acho que entra na composição, mas que eu decidir que vou ter ou eu decidir que não vou ter.

**ENTREVISTADORA:** Era isso que eu queria saber. Para finalizar, eu gostaria muito de saber de você se foi ruim falar sobre isso. Como é que você se sentiu?

**GILDA:** Eu sinto muito quando eu falo disso, agora, a eu não sei.

**ENTREVISTADORA:** Volta muito sofrimento, voltou para você?

**GILDA:** Volta e voltou, mas é interessante falar. Dá prá falar ...

**ENTREVISTADORA:** Obrigada, muito obrigada.

### **Roteiro para estudo de caso**

Ler atentamente a história e assinalar no texto os trechos a que se referem às questões abaixo. Discutir em grupo e elaborar respostas às questões. Respalidar as respostas em textos bibliográficos indicados para a disciplina.

- 1) Quais as questões de gênero que o grupo identifica neste caso?
- 2) Levando em conta a categoria gênero, tente explicar porque elas ocorrem.
- 3) Quais as características da feminilidade apontadas pela entrevistada em relação ao aborto, neste caso.
- 4) Quais os pontos que mais chamaram a atenção do grupo? Por que?
- 5) Como o grupo se posiciona diante da decisão da mulher entrevistada em relação ao aborto e suas justificativas para abortar?
- 6) Como o grupo se posiciona em relação às atitudes e os posicionamentos dos homens envolvidos?
- 7) Quais foram os sentimentos gerados no grupo em relação ao caso?

### **Roteiro para apresentação do trabalho**

1. **Apresentação oral** - deverá ser em 15 minutos, seguidos de 15 minutos de discussão, apoiada por material de projeção
2. **Apresentação escrita:** elaborar um texto de no máximo 7 páginas contendo:
  - nome da disciplina
  - nome das alunas componentes do grupo
  - título do trabalho
  - respostas às questões, devidamente respaldadas em bibliografias
  - referências bibliográficas utilizadas.
3. Enviar o texto por e-mail, em formato .doc para o endereço eletrônico [rmgfon@usp.br](mailto:rmgfon@usp.br) até o dia 10 de julho de 2014.